ISSN: 2358-8829

OLHARES PARA O BRINCAR: O AUDIOVISUAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Juliana Costa Muller[1]
Gabriele Bonotto Silva [2]

INTRODUÇÃO

No ano de 2025 (dois mil e vinte e cinco) ingressamos como Professoras efetivas do Curso de Pedagogia da Faculdade Municipal de Palhoça (FMP). Naquele ano, dentre nossas atividades, assumimos algumas Unidades Curriculares da quarta fase do curso, sendo essas: Educação Infantil ministrada pela Professora Juliana Muller; Planejamento Educacional, e Avaliação ambas ministradas pela Professora Gabriele Bonotto Silva. Nos primeiros dias de aula, ao buscarmos conhecer melhor os estudantes e suas trajetórias, eles nos contaram que haviam realizado um evento na Faculdade no formato de um programa televisivo sobre Paulo Freire.

Aquelas partilhas nos mostravam o encantamento, o envolvimento deles e o quanto desejavam fazer algo "diferente" também nesse semestre. E esse foi o convite para trabalharmos a partir de propostas interdisciplinares, baseadas em metodologias ativas e numa perspectiva mídia-educativa que convidou os estudantes a elaborarem produções audiovisuais de até 10 (dez) minutos sob temáticas que envolviam as Unidades Curriculares.

"Olhares para a infância: primeiro festival de curtas" foi o nome do evento que aconteceu entre os dias 11 e 12 de junho e levou para a faculdade produções audiovisuais produzidas por 16 (dezesseis) acadêmicos que tiveram a oportunidade de estudar os textos e exercitar suas reflexões a partir da produção de roteiro, filmagem, mapa mental, painel, registro fotográfico, dentre outros. Os exercícios audiovisuais e o uso de roteiros em sua articulação teórica e prática oportunizaram a construção de processos autorais por meio do audiovisual, permeado por olhares sensíveis, de escuta, atenção, acolhimento que considera as especificidades da infância, que receberam como título das produções fílmicas: "O que que é isso?", "Olhares para a educação", "Sementes de amanhã", "A natureza inspira arte", "Infâncias que resistem", "Qual o seu planejamento?". E aqui, nos deteremos ao audiovisual "O que que é isso?"

[1] Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Municipal de Palhoça (FMP), juliana.costa@fmpsc.edu.br

[2] Doutora em Educação pela Universidade La Salle, Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Municipal de Palhoça (FMP), gabriele.bonotto@fmpsc.edu.br

ISSN: 2358-8829

Inspiradas no livro “O que é que isso é?” de Alexandre Rampazo as acadêmicas Letícia Dias Becker, Julia Ghizoni e Sabrina Monteiro, produziram um audiovisual de 04:29 (quatro minutos e vinte e nove segundos) composta por uma edição em preto e branco que intercalou o risco de um giz no quadro com a filmagem de algumas brincadeiras de crianças do grupo 3 (três) do CEI Vô Juca e Vó Zenir. Considerando essa realidade, o objetivo deste artigo é analisar a tessitura de uma proposta pedagógica interdisciplinar no curso de Pedagogia, investigando como o uso crítico e autoral do audiovisual permite que futuros docentes refinem o olhar e a escuta para o brincar na Educação Infantil.

METODOLOGIA

A respeito da metodologia, a pesquisa caracteriza-se como abordagem qualitativa, documental e reconstrutiva-reflexiva. O corpus é constituído pelos planos de ensino das Unidades Curriculares de Educação Infantil, Planejamento Educacional e Avaliação, pelas orientações da atividade, pelos roteiros e registros do processo formativo e pela produção audiovisual “O que que é isso?”, com duração de 4 minutos e 29 segundos. A análise retoma a experiência interdisciplinar desenvolvida em 2025 com 16 acadêmicos da quarta fase do curso de Pedagogia da Faculdade Municipal de Palhoça, articulando os documentos à reflexão sobre a práxis das professoras pesquisadoras.

A leitura do curta-metragem foi organizada em quatro núcleos analíticos: imaginação e ressignificação de objetos; interações e negociações entre pares; relações entre corpo, natureza e materialidades; e cuidado ético com a imagem das crianças. A análise considera tanto as escolhas de roteiro, filmagem e edição quanto ao brincar. A obra apresenta enquadramentos que preservam os rostos das crianças.

REFERENCIAL TEÓRICO

“Se a criança que você foi um dia, viesse te visitar, o que ela te falaria?” essa pergunta, derivada da música “A Criança que eu fui um dia”, de Reverb Poesia foi o convite para dar início aos estudos do semestre previstos na ementa da disciplina de Educação infantil, sendo esses: concepções de infância e Educação Infantil; legislação e Políticas Públicas para Educação Infantil; Saberes, tempos e espaços nas Instituições de Educação Infantil; Práticas pedagógicas na Educação Infantil; Indicadores de qualidade na Educação Infantil. Tendências, paradigmas e desafios da Educação Infantil no Brasil.

Autores como Moysés Kuhlmann Jr. e Fabiana Silva Fernandes (2012), Zoia Prestes (2012, 2016), Gilka Girardello (2020), Muller et al. (2020) foram estudados a partir de ensaios audiovisuais que trouxeram a tona a infância em sua dimensão histórica, o conceito de aluno, as

contribuições de Vigotski para o desenvolvimento e o brincar como atividade principal da criança. “Não há dúvida de que a criança aprende na brincadeira, mas não é o resultado desse aprendizado que deve ser analisado do ponto de vista do desenvolvimento infantil” (Prestes, 2016, p. 35) e essa postura de docente investigador é que buscamos construir a fim de entender contextos para compreender a criança em sua inteireza e os diferentes sujeitos envolvidos nesse processo:

> Essa responsabilidade compartilhada pela formação integral da criança exige que os futuros docentes compreendam que o cuidar e o educar na infância demandam intencionalidade pedagógica provindos dos registros de observação. E assim, na construção diária entre o que se planeja para e com as crianças e o que acontece no contexto educativo que as ações de planejar e de avaliar ganham contornos éticos e políticos.

O brincar entendido como um direito da criança e uma das formas dela se manifestar e viver no mundo, interpretando e produzindo cultura, como afirma Corsaro (2003). Pelo brincar a criança experimenta o mundo, comunica seus sentimentos, elabora narrativas, traz elementos para suas situações cotidianas e atribui novos sentidos aos objetos, mas não só, aos espaços e às relações também.

E nesse sentido, pensar o brincar na contemporaneidade implica reconhecer que as crianças vivem em uma cultura marcada pela presença das tecnologias digitais. Muller (2014) ao problematizar alguns discursos de que as crianças não sabem brincar, afirma que elas continuam criando, discutindo, desenhando, interessando-se pelos livros, divertindo-se nas ruas e nos parques e, algumas ainda, relacionando-se com computadores, tablets, televisão e internet. Logo, “as vivências são complementares umas às outras e não substituições de umas por outras” (Muller, 2014, p. 10). E não podem ser, sobretudo quando percebe-se que outros modos de educar estão sendo construídos, mas nenhum deles pode retirar a responsabilidade dos adultos pelas crianças.

Compreendendo que, assim como afirmado no Artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 9394/1996 a Educação Infantil tem como finalidade "(...) o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” cabe a ressaltar que vivemos diferentes realidades numa mesma instituição e, enquanto docentes, ao estarmos próximos das crianças é que conseguimos construir propostas pedagógicas de observação, escuta, com intencionalidade, de modo a diversificar, ampliar e complexificar as brincadeiras. E conforme afirma Sergio Spaggiari (2021, p. XV):

> Percebemos que posturas como essas são urgentes, precisam ser construídas, alimentadas, lapidadas, aperfeiçoadas e a medida que fazemos uso do audiovisual esse se torna um dos modos de se construir uma docência que percebe a potência dos olhares das crianças sobre o mundo. Docentes que registram as falas das crianças, seus processos de construção do

conhecimento que se tornam indicativos para uma educação que viabiliza a participação e a autoria das crianças.

E a partir do audiovisual conseguimos articular a concepção teórica com a construção de um roteiro, de um planejamento a ser construído antes de dar o primeiro clique na tela. Sob essa ótica integradora, as unidades curriculares de Planejamento Educacional e Avaliação articularam-se para proporcionar o desenvolvimento de aprendizagens significativas pelos acadêmicos, tendo em vista a docência e suas especificidades nas diferentes etapas de ensino. Autores como Celso Vasconcellos (2014) e Ilma Passos Veiga (2013), José Carlos Libâneo (2013) e Madalena Freire (1997), ampliaram horizontes trabalhando conceitos de observação, de projeto político pedagógico, planejamento por projetos e planos de aula. No que tange à avaliação, Jussara Hoffmann (2019) e Cipriano Carlos Luckesi (2011) permitiram uma análise profunda sobre a avaliação como conhecimento sobre a criança e de como é possível replanejar a partir da perspectiva avaliativa.

As duas unidades curriculares supracitadas se alinham à unidade de Educação Infantil não apenas por trabalhar com planejamento e avaliação para esta etapa, mas também por compreenderem que é necessário conhecer o indivíduo para quem se elaborará a docência. Neste caso, a criança entrou em foco e os acadêmicos passaram a descobrir a grande diferença entre ver e olhar, assim como nos mostra Madalena Freire em seu texto A diferença entre ver e olhar: “O olhar do professor/Olhar para buscar ver o que não sabe/O que está para ser desvelado?/Como???/Com esforço/Com empenho/Com disciplina” (Freire, 2021, p. 30).

A partir da premissa de que é preciso aprimorar o olhar para perceber além do que os olhos do professor podem ver, nós enquanto professoras da Educação Superior, buscamos perceber as potencialidades da quarta fase do curso de Pedagogia e construir um planejamento coletivo que além de cumprir com os objetivos das disciplinas, permitisse uma vinculação com a realidade das crianças, de modo a provocá-los a perceber a criança como sujeito de direitos, autora, produtora de cultura, que interage, brinca, imagina, fantasia em suas interações.

Nesta direção, a nossa inquietação nos fez refletir sobre qual caminho seguir para contribuir com a consolidação dos conhecimentos pelos acadêmicos da quarta fase. Da mesma forma, eles revelaram que preferiam aulas que os envolvessem e que tivessem uma produção final, como já haviam feito em outras unidades curriculares. E assim, observamos a importância de traçar um planejamento que levasse em consideração a proposição dos estudantes.

As escolhas pedagógicas e os horizontes delineados nos guiaram rumo ao desenvolvimento de uma prática pautada nas metodologias ativas, elegendo a linguagem audiovisual como ferramenta central de investigação e autoria. Essa opção metodológica

ancora-se no entendimento de que o processo formativo precisa fazer sentido aos estudantes, provocar engajamento e protagonismo.

Ao investir em metodologias que fugissem das tendências tradicionais de ensino e que priorizasse formas ativas de ensinar e aprender, torna-se relevante conceituar metodologias ativas, que para Bacich e Moran (2018) englobam um processo de ensino e de aprendizagem pautado na participação ativa do estudante, ou seja, é necessário que estejam envolvidos e engajados neste processo. E para que isso ocorra Moran (2018) destaca que é o professor é um orientador que media, questiona e torna os acadêmicos protagonistas de sua própria aprendizagem.

Baseadas na premissa de que para torná-los ativos no processo precisaríamos priorizar a aprendizagem por descoberta e a investigação (Valente, 2018), e de que precisaríamos agir de forma a orientar e mediar os conhecimentos, criamos um projeto interdisciplinar, não apenas pelo envolvimento de conhecimentos distintos, mas por apresentar uma relação de troca e intersubjetividade (Fazenda, 2013). As aulas, apesar de ministradas em dias distintos, foram programadas para que, a cada passo, integrassem e refletissem conceitos relacionados à Educação Infantil, Planejamento e Avaliação. Portanto, buscamos estudar como compreender a infância e como atuar como professor na Educação Infantil, priorizando no planejamento e na avaliação as interações e a brincadeira.

Nesta direção, compreendemos o uso das tecnologias na perspectiva mídia-educativa que percebe os sujeitos como consumidores de tecnologias e produtos midiáticos, mas sobretudo agentes reflexivos e produtores. Afinal,

> Sabemos que as mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática sociocultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo. E apesar das mediações culturais ocorrerem de qualquer maneira, as mediações pedagógicas visam capacitar crianças e professores para uma recepção ativa e a uma produção responsável que auxilie na construção de uma atitude mais crítica em relação ao que assistem, acessam, interagem, produzem e compartilham, visto que a precariedade da reflexão sobre linguagens, conteúdos, meios e interesses econômicos impede uma compreensão mais rica. (Fantin, 2011, p. 28)

E formar professores para um uso consciente, qualitativo, possibilita que outros modos de se relacionar com as mídias e tecnologias sejam proporcionados, além deles perceberem outro modo de comunicar suas percepções sobre o mundo. E nesse sentido, seguimos a perspectiva mídia-educativa:

> A educação “para” a mídia diz respeito à apropriação crítica sobre os conteúdos, sobre as mensagens. A educação “com” a mídia é o uso da mídia como ferramenta didática, como instrumento de apoio para o professor que está atuando na sala de aula (por exemplo, com projetor multimídia, computador). [...] a educação é também educação “através” da mídia. Essa

> última dimensão diz respeito, sobretudo, à habilidade de produção na escola, onde a educação acontece por meio do trabalho que organizamos e propomos às crianças e jovens em sala de aula. (Rivoltella, 2012, p. 23).

Por meio dessa abordagem possibilitamos o desenvolvimento de uma postura crítica, reflexiva que percebe o recurso midiático, mas faz dele um meio para produzir e disseminar sua compreensão, e para além daquilo que já foi construído, abrindo possibilidades para outros modos de se relacionar com as mídias e tecnologias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de elaboração dos seis curtas-metragens articulou estudos, roteirização, filmagem e edição. A produção “O que que é isso?”, inspirada no livro de Alexandre Rampazo, permite aprofundar a análise das linguagens do brincar a partir de registros do grupo 3 do CEI Vô Juca e Vó Zenir. As cenas em preto e branco, intercaladas por desenhos a giz, convidam a olhar para gestos, falas, movimentos e relações que constituem o cotidiano das crianças.

Desde a escrita do roteiro e conceitualização teórica até a filmagem e a edição, procuramos problematizar as propostas do audiovisual, sendo essa articulada a concepção teórica. Perguntas como: “O que essa cena demonstra sobre a forma que compreendemos as crianças na Educação Infantil”, “Qual a teoria que pode embasar esse trecho do roteiro?”, “O que essa imagem anuncia sobre a criança e o brincar?” com o objetivo de proporcionar a aprendizagem pela investigação, compreendendo o audiovisual como um outra forma de expressão e linguagem.

Este foi um processo de muitas indas e vindas. Não apenas de reelaboração de escrita e da produção audiovisual pelos grupos de acadêmicos, mas também de diálogo e avaliação da proposta por nós professoras. Tal postura demonstra como o uso de metodologias ativas, possibilita ao acadêmico estar no centro da aprendizagem, exigindo do professor uma postura atenta e com forte base teórica para realizar as mediações buscando qualificar e desenvolver novos conhecimentos com os estudantes.

Assim, ao tecer essas relações entre a teoria e a prática, o processo de criação dos curta-metragens configurou-se como um laboratório de aprendizagens sensíveis, no qual os acadêmicos puderam refinar o olhar. A produção de audiovisuais não apenas materializou de forma viva os conceitos relacionados ao planejamento, avaliação e a infância estudados ao longo do semestre, mas também gerou narrativas visuais potentes e repletas de autoria. É a partir dessa ótica sensível , mediada pela experiência da mídia-educativa e pelas idas e vindas da nossa prática pedagógica, que nos propomos, a adentrar em uma das produções, sendo essa denominada: “O que que é isso?”.

ISSN: 2358-8829

Quando estudamos a infância percorremos pela atividade principal da criança, o brincar. Nesse sentido, ao retomar a produção audiovisual “O que que é isso?” buscamos perceber em um audiovisual elaborado por acadêmicas do curso de Pedagogia, as camadas de leitura que para o brincar.

O audiovisual em seu início demonstra a produção de um desenho de uma caixa, em seguida altera para a filmagem de uma criança de costas que está dentro de uma caixa que ao se balançar de um lado para o outro diz: “avião, avião, pode apertar o botão?” Logo após, o segundo desenho em giz se inicia. Aos poucos o desenho vai se estruturando e dando pistas de que se trata de uma mesa com algumas materialidades dispostas.

Ao analisar essa primeira cena capturada pelas acadêmicas, o brincar surge como uma potência do cotidiano infantil. De acordo com Tiriba, Santos e Schaefer:

> O brincar livre é espaço da imaginação, do corpo se manifestar, se reinventar, ser o que quiser ser, é a suspensão de uma lógica de dominação do corpo do outro, de moralização, de produção de mercado... Deixar brincar, acreditar na potência do corpo, do que ele quer brincar, como brincar, com quem brincar e com que brincar. Deixar o corpo ser o que ele é (2023, p. 12-13).

A caixa se torna avião. Os braços e mãos se juntam com as abas da caixa e se transformam nas asas. O balanço do corpo passa a ser o balançar do voo. Aqui, o brincar livre permite uma articulação entre o pensamento, a fala e a imaginação. E no corpo se expressam as formas de brincar escolhidas pela criança. Ou seja, um registro de como o brincar livre é uma forma de respeitar e promover diferentes formas de desenvolvimento infantil.

Logo em seguida temos uma filmagem realizada do alto com foco nas mãos das crianças que estão numa mesa repleta de papéis e lápis de cor. “Ela quer tudo”, “Tem que dividir”, “Não pode empurrar”, “Você é tão bonita” são algumas falas das crianças que vão desenhando com 1 (uma) mão, e em alguns momentos com as 2 (duas) mãos ao mesmo tempo.

Conforme Kishimoto (2017), o brincar se consolida como um espaço de alteridade. É nessa relação com o lúdico que as crianças experimentam momentos de uma vida em sociedade. A cena descrita acima não demonstra apenas um espaço de pintura, mas as relações que se estabelecem na divisão dos lápis e nas conversas sobre os desenhos. Neste sentido, os gestos e as falas não terminam em si mesmos. Eles ganham novos contornos ao ser provocado pela ação do outro, tensionando o corpo e o pensamento a buscarem caminhos inventivos e respostas flexíveis diante do inesperado.

Num terceiro momento temos o desenho de um balde e uma pazinha. Filmadas pela lateral 2 (duas) crianças colocam pedras no balde. Entre risos e concentração, quando o balde enche de pedras a criança vira e uma criança comenta: “castelo”. E a brincadeira começa novamente.

ISSN: 2358-8829

A cena materializa como as crianças buscam a natureza por reconhecer nela sua própria extensão. Para Tiriba, Santos e Schaefer “Na busca por esse modo de brincar, o corpo pede natureza porque é natureza. Então busca a água, a terra, o sol, o vento… e as pessoas. Elas brincam e se potencializam nesse brincar” (2022, p. 13). Longe de ser um cenário estático, a areia do parque é um convite para a imaginação, criação e encantamento. É no compasso desse brincar livre e compartilhado que surge a alteridade e uma série de aprendizagens significativas que articulam no faz-de-conta.

O próximo desenho iniciado vai ganhando contornos de um balanço. Em seguida apresenta uma criança filmada de costas que está no balanço. Ela logo sai para empurrar outra criança no balanço que está ao seu lado, e pergunta: “Que empurrar bem alto?”. Ela segura no balanço e vai junto, para frente e para trás. Ao longo do movimento ela percebe que pode ficar parada e somente empurrar o balanço. E assim faz. Nesse movimento de vai e vem, fala para outra criança: “Pode i, pode i naquele”, apontando para o balanço que tinha saído.

O balanço revela como o ritmo corpóreo atua como uma linguagem de acolhimento, mas também de desafio e cumplicidade. Na cena, duas crianças brincam no balanço coletivamente e depois uma delas brinca sozinha, demonstrando diferentes formas de seu uso, assim como demonstra Eckschmidt e Girardello (2023). Ao oferecer o impulso e testar a altura do voo as crianças descobrem, se relacionam, partilham o espaço e constróem uma corporeidade coletiva.

Os créditos finais sobem e encerram o filme que entre desenho e registros de um cotidiano da Educação Infantil buscou envolver o telespectador que ao assistir os traços do desenho que se constrói é convidado a entrar na brincadeira e adivinhar qual será o próximo cenário brincante.

Mãos, pés e costas compuseram o roteiro e a edição do audiovisual que demonstrou a potência das crianças nos diferentes modos de brincar com o corpo. A caixa que é um avião; as mãos que conduzem o lápis num desenhar pelo papel de modo individual e de interação entre as crianças; o castelo feito de pedrinhas e o balançar aproximam uma criança da outra, e ensina no movimento da brincadeira de pares, sendo esse composto por tempos, espaços e materialidades.

Os enquadramentos da produção fílmica com foco nas interações e no brincar das crianças evidenciaram a articulação teórica e prática sobre as especificidades que compõem a Educação Infantil, as interações entre as crianças e seus modos de agir no mundo pelo brincar. A sonoplastia composta pelo som do desenho de giz no quadro e as falas das crianças demonstrou a valorização das linguagens das crianças quando já em seu título convida o espectador também a brincar, afinal “O que que é isso?”.

Podemos ainda dizer que esse é um audiovisual interativo que instigou o olhar para os modos das crianças brincarem, se relacionarem e, viverem a sua infância. E assim, um brincar

ISSN: 2358-8829

compreendido como um direito humano e portanto de todos, para todos, entendendo o audiovisual como uma das portas que convidam ao brincar e sendo esse mais um modo de expressão e de uso da tecnologia digital, segundo a perspectiva mídia-educativa..

Outro ponto em destaque do audiovisual é que os rostos das crianças não foram revelados. O que demonstra, conforme Domingues e Silva (2022), a importância de proteger a imagem das crianças em diferentes situações, principalmente nas práticas oriundas do próprio curso de Pedagogia, ou ainda, quando crianças ainda muito pequenas que talvez não desejam ser expostas em diferentes meios. Em consonância com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), não revelar os rostos das crianças é uma forma de respeitar a integridade física, moral e psíquica.

Ao articular sensibilidade estética, escuta atenta e responsabilidade ética, a produção "O que que é isso?" transformou-se em um potente instrumento de formação. O exercício de olhar e estabelecer relações teóricas com o cotidiano da Educação Infantil permitiu às acadêmicas perceber a indissociabilidade entre o planejar, avaliar e compreender a infância. Diante dessa discussão, que buscou com sensibilidade dialogar com o curta-metragem, com a nossa prática pedagógica e com a beleza do cotidiano infantil, apresentamos, a seguir, as reflexões finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso investigativo registrado neste artigo demonstra que o audiovisual, em diálogo com as metodologias ativas na perspectiva mídia-educativa e de modo interdisciplinar, pode atuar como um potente disparador de autoria e reflexão crítica. Afinar o olhar acadêmico, a escuta, a sensibilidade estética contribui para a captura das sutilezas que envolvem o cotidiano da Educação Infantil, a manifestação das múltiplas linguagens das crianças e seus modos de brincar.

A análise do curta-metragem "O que que é isso?" evidenciou que as diferentes camadas do brincar livre, a transfiguração de uma caixa em avião, a negociação dos lápis, a construção do castelo e o embalo regulador do balanço, são eixos centrais onde a infância se desenvolve, expressa sua alteridade e se reconhece como natureza. E nessa perspectiva percebemos a relevância deste estudo para a comunidade acadêmica, numa proposição de formação inicial de professores que rompa com as tendências tradicionais e meramente transmissivas.

Ao relacionar as unidades curriculares de Educação Infantil, Planejamento e Avaliação através de um projeto interdisciplinar, o curso de Pedagogia da FMP percebe o audiovisual como um potente instrumento de autoria, reflexão, documentação pedagógica e registro ético. A pesquisa que apresentamos entrega a defesa política da infância ao reafirmar o brincar como um direito humano inalienável e demonstra, de forma prática, como a universidade pode e deve produzir conhecimento respeitando o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990),

demonstrando que é possível visibilizar a potência das crianças protegendo sua identidade e integridade.

Na prática profissional e nas ações de campo, consideramos que este estudo abre caminhos para que as redes de ensino façam do registro audiovisual parte do cotidiano das creches e pré-escolas como uma ferramenta potente de acompanhamento, avaliação, planejamento e linguagem. Assim, desejamos que este movimento instigue os professores a fazer dos relatórios pedagógicos narrativas vivas e sensíveis, capazes de evidenciar como as crianças criam mundos no instante em que brincam.

Como horizontes de continuidade, vislumbra-se a necessidade de aprofundar as pesquisas teóricas acerca da convergência entre a infância, a natureza e as linguagens midiáticas na contemporaneidade, mapeando como as telas podem dialogar com o brincar na infância. E vale ainda acrescentar que, mesmo sabendo que esses estudantes do Curso de Pedagogia têm uma relação muito próxima com as tecnologias digitais, aqui puderam perceber outros modos de se relacionar e refletir sobre os meios, confirmando assim a postura mídia-educativa e iniciada na Educação Infantil.

Palavras-chave: Brincar; Formação inicial de professores, Audiovisual, Mídia-educação, Educação Infantil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Diretora Executiva da Faculdade Municipal de Palhoça (FMP), Professora Dra. Débora Schutz, e ao Coordenador do Curso de Pedagogia, Professor Dr. Jackson Peres, por acreditarem em nosso trabalho e incentivarem a construção de uma educação cada vez melhor. Agradecemos, igualmente, ao Centro de Educação Infantil (CEI) e às crianças que participaram desta experiência, possibilitando ampliar nossos olhares e reflexões sobre o brincar e a infância. Por fim, agradecemos aos acadêmicos do Curso de Pedagogia, que se dedicaram à construção de outras e novas relações com as tecnologias, aprofundando seus olhares sobre a infância, o planejamento e a avaliação na Educação Infantil.

A todos, nosso muito obrigada!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 — Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BACICH, Lilian e MORAN, José (Orgs.) Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 16 jul. 1990.

DOMINGUES, Cristiane Lumertz Klein; SILVA, Gabriele Bonotto. O cuidado com as imagens de crianças nos estágios de pedagogia. PerCursos, Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 498–514, 2022. DOI: 10.5965/1984724623512022498. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/17075. Acesso em: 13 jul. 2026.

CORSARO, W. Le culture dei bambini. Milano: Il Mulino, 2003.

ECKSCHMIDT, Sandra; GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. No vaivém do balanço: olhando para um gesto do brincar. Zero-a-seis, v. 25, n. 48, p. 810-834, 2023. Dossiê: Educação, infâncias e práxis pedagógica: registrar e documentar movimentos de (re)existência na Educação Infantil.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). O que é interdisciplinaridade? 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

FANTIN, M.. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. Olhar de professor. Ponta Grossa, UEPG, 114(1):27-40, 2011.

FREIRE, Madalena et al. Avaliação e planejamento: a prática educativa em questão. Instrumentos Pedagógicos II. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997. p. 54-58.

FREIRE, Madalena. Educador, educa a dor. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GIRARDELLO, Gilka. “Eu tenho uma coisa pra contar”: inspirações para a escuta das narrativas infantis. Revista da FUNDARTE, Montenegro, n. 42, p. 1–20, jul./set. 2020. DOI: 10.19179/2319-0868.791.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013. p. 245-273.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés; FERNANDES, Fabiana Silva. Infância: construção social e histórica. In: VAZ, Alexandre Fernandez; MOMM, Caroline Machado (org.). Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. p. 21–38.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 35. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.

O QUE QUE É ISSO?. Direção e produção: Letícia Dias Becker, Julia Ghizoni e Sabrina Monteiro. Palhoça: Faculdade Municipal de Palhoça (FMP), 2025. 1 vídeo (4 min 29 s), P&B. produzido para o Primeiro Festival de Curtas Olhares para a Infância.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. in BACICH, Lilian e MORAN, José (Orgs.) Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

MULLER, Juliana Costa. Crianças na contemporaneidade: representações e usos das tecnologias móveis na educação infantil. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

PRESTES, Zoia. A brincadeira de faz de conta e a infância. Trama Interdisciplinar, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 28–39, maio/ago. 2016.

PRESTES, Zoia. L. S. Vigotski: algumas perguntas, possíveis respostas... In: VAZ, Alexandre Fernandez; MOMM, Caroline Machado (org.). Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. p. 57–71.

RAMPAZO, Alexandre. O que é que isso é? São Paulo: Ciranda Cultural, 2021.

REVERB POESIA. A criança que eu fui um dia. Compositores: Thiago Corrêa e Allan Dias Castro. [S. l.]: ONErpm, [s. d.]. 1 música.

RIVOLTELLA, P. C. Retrospectivas e tendências da pesquisa em mídia-educação no contexto internacional. In: FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. (Org.). Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012. cap. 1, p. 17-29.

TIRIBA, Lea Vargas; SANTOS, Zemilda do Carmo Weber do Nascimento dos; SCHAEFER, Kátia Almeida Bizzo. Na contramão da BNCC: do emparedamento colonizador ao livre brincar. Educ. Rev., Curitiba , v. 39, e86018, 2023 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602023000100147&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 jul. 2026. Epub 14-Nov-2023. https://doi.org/10.1590/1984-0411.86018.

VALENTE, José Armando. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 26–44.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. 24. ed. São Paulo: Libertad, 2014.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. 33. ed. Campinas: Papirus, 2013.